

PINTURA

Desenvolvimento de
Poéticas Pictóricas

4

Professor Dr. Isaac A. Camargo

*Este Objeto de Aprendizagem é a
continuação de*

Desenvolvimento de Poéticas Pictóricas

3

Neste mesmo Espaço Pedagógico

A Arte Pós Segunda Guerra

Por um lado, a arte se libertou de todas as amarras lógicas e figurais, mas também se propunha a entrar no contexto ideológico posicionando-se na sociedade de maneira mais assertiva. Envolve-se na política, no mercado, no contexto urbano e natural, intervém no meio e no entorno. Propõe ações, toma atitudes e se orienta por conceitos e não só por temas.

As manifestações artísticas Pós Segunda Guerra assumem as características de uma nova Vanguarda, não soba a ótica do Modernismo, mas sob o discurso de um Pós-modernismo. Isto vai marcar a arte a partir da década de cinquenta do século passado.

Olhando para este contexto Pós-Moderno, pode-se dizer que a arte se orienta não apenas pelas questões estéticas, mas também por questões críticas realizadas na própria manifestação artística. O pastiche e a ironia passa a fazer parte da arte tanto quanto as contestações e ideologias. Um movimento que traduz esta postura é, sem dúvida, a Pop Art.

A ironia do Pop Art

As estratégias discursivas da Pop Art se apropriam dos meios midiáticos, do contexto popular, da indústria, do comércio, da publicidade e propaganda. Transformando-se, ela mesma, em objetos de consumo. Iniciado na Inglaterra na década de 50, atinge o auge nos Estados Unidos na década de 60.

Artistas como Richard Hamilton, Jasper Johns, Roy Lichtenstein, Robert Rauschenberg e Andy Warhol definem a postura Pop diante de um mundo Pop.



Richard Hamilton,
O que faz os lares
de hoje tão
diferentes, tão
apelativos? 1956



Richard Hamilton, Trafalgar Square, 1965-67



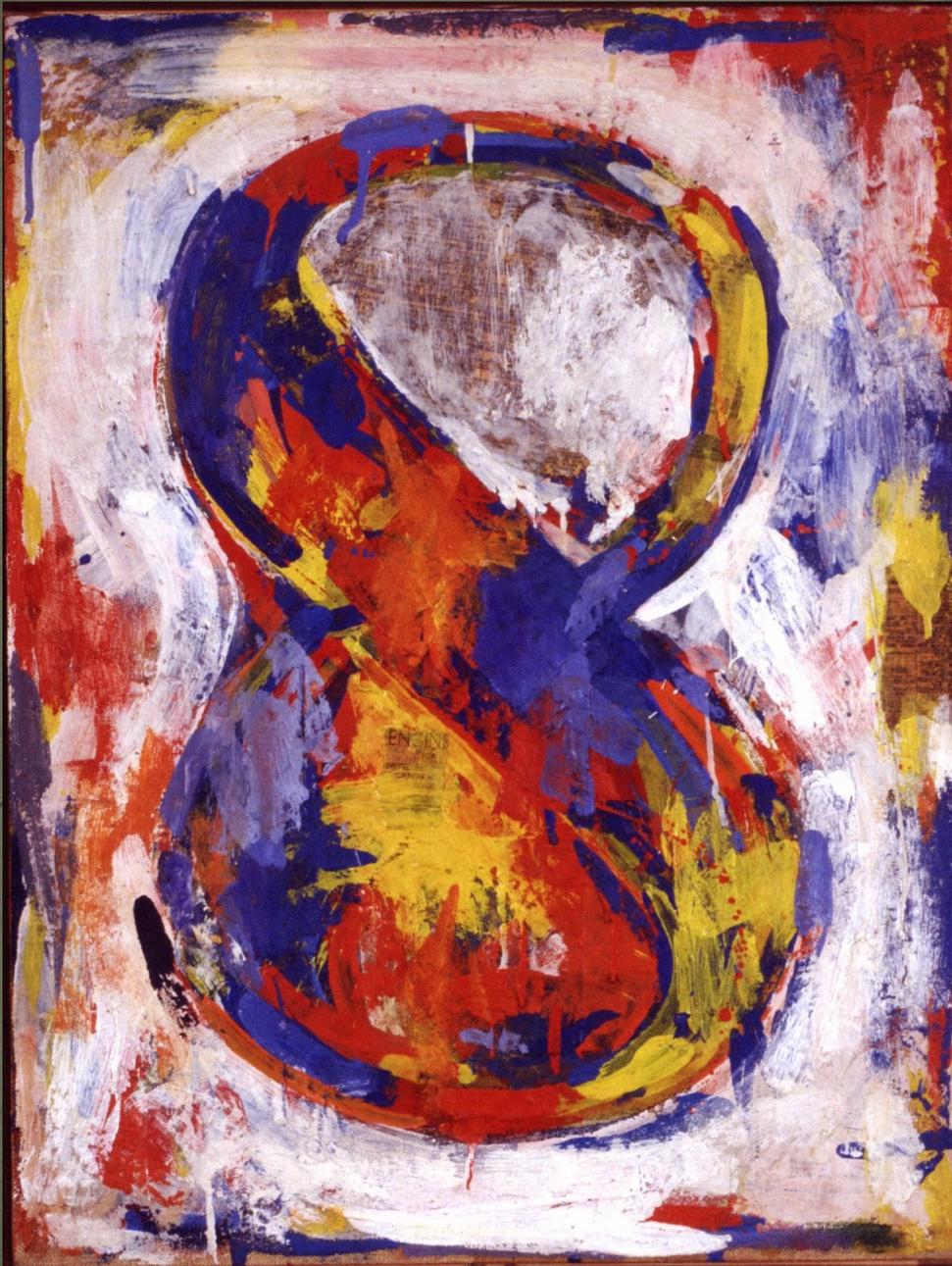
Richard Hamilton, *I'm Dreaming of a White Christmas*, 1967-68



Jasper Johns, Tree Flags, 1958



Jasper Johns, Mapa, 1963



Jasper Johns,



Jasper Johns,



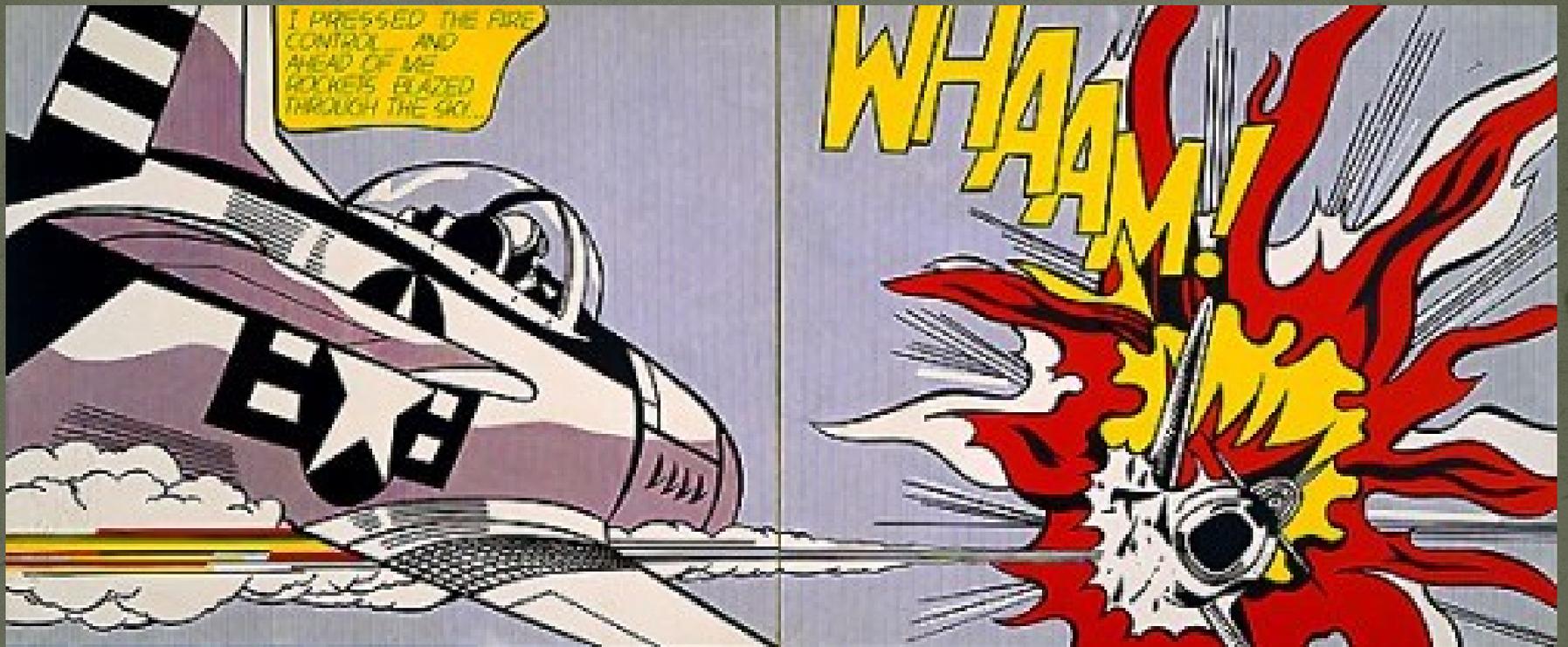
Robert Rauschenberg,
Retroactive 1, 1964



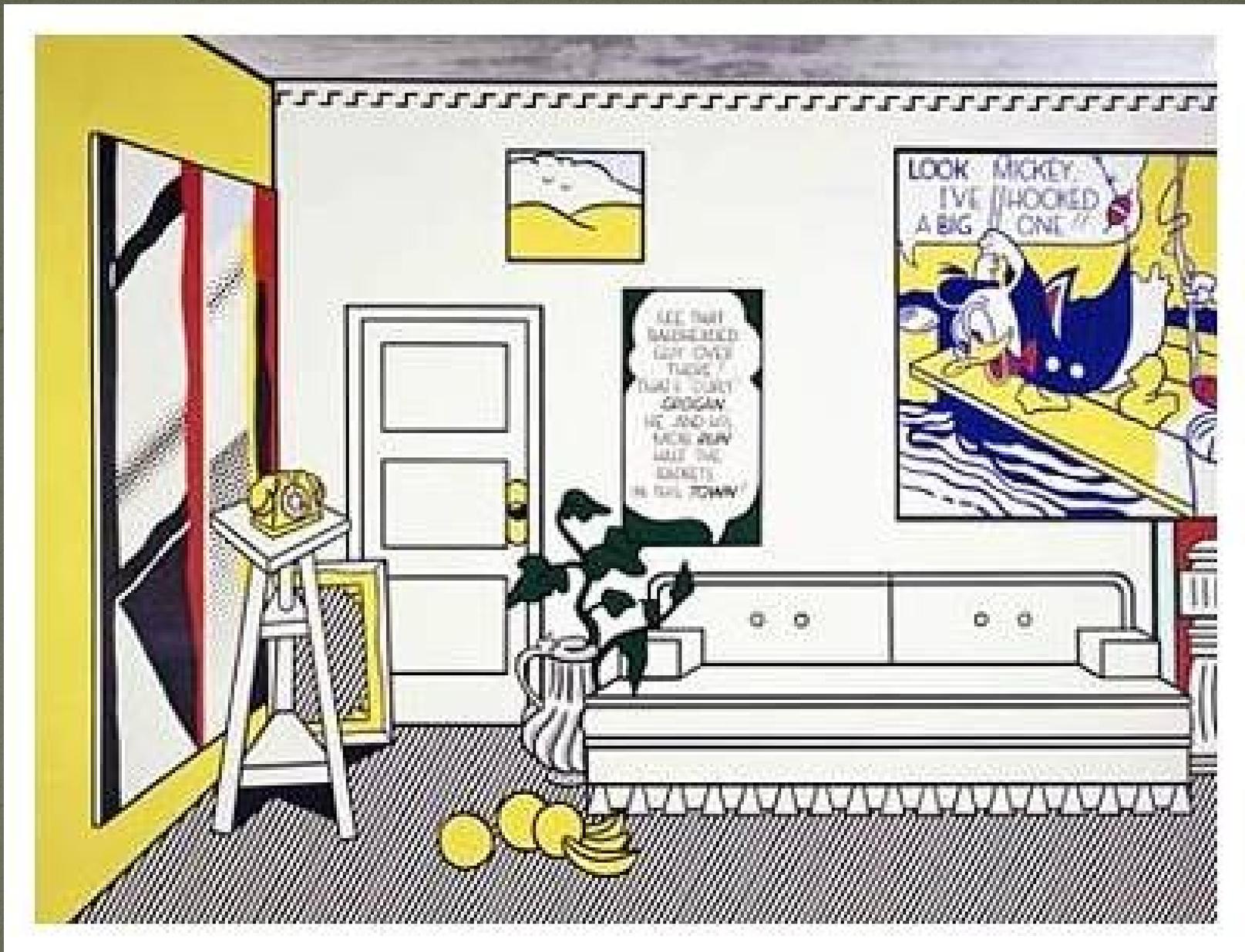
Robert Rauschenberg,
Signs, 1970



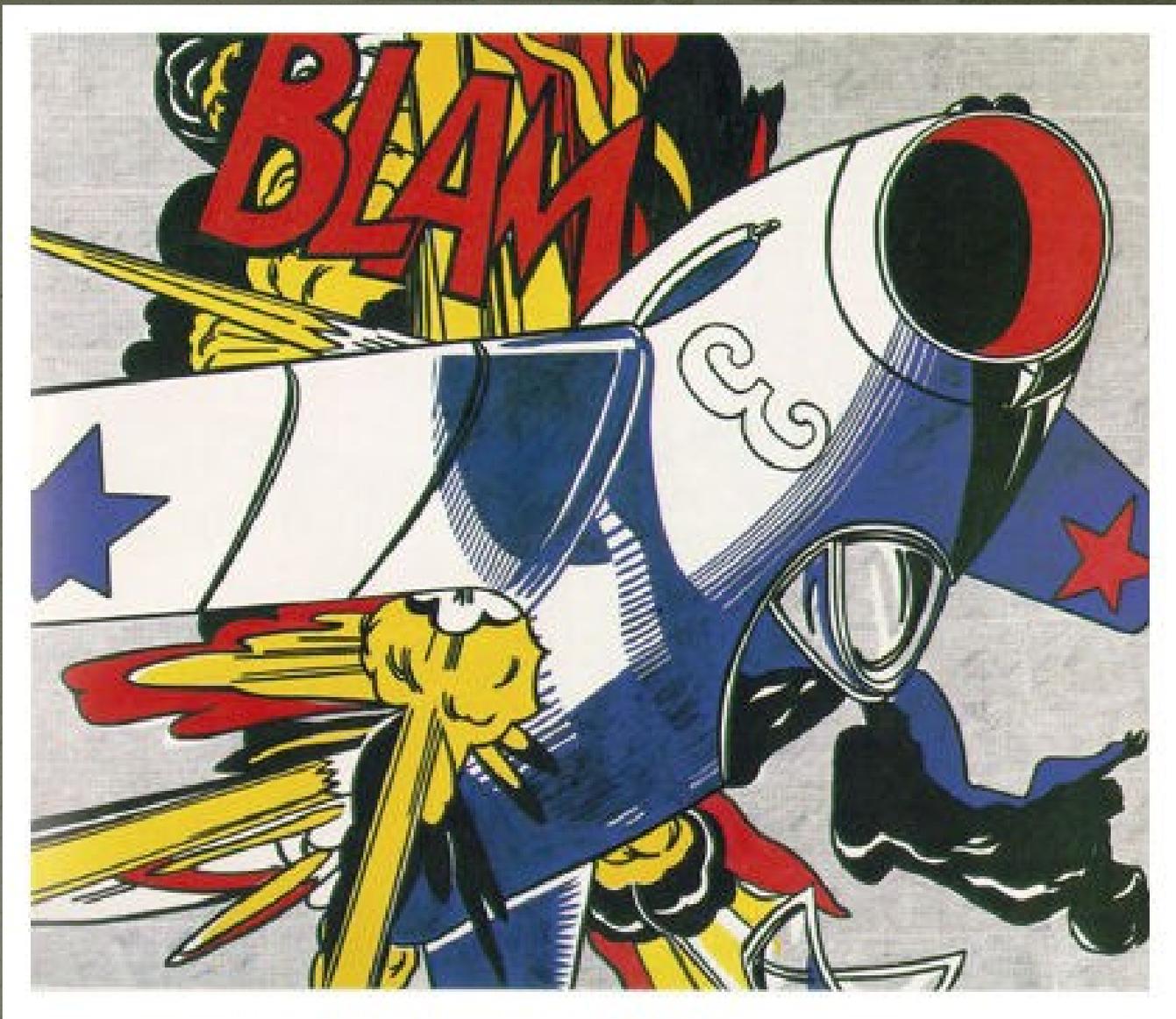
Robert Rauschenberg, *State*, 1963



Roy Lichtenstein, Whaam! 19



Roy Lichtenstein, Estúdio do Artista, 1973



Roy Lichtenstein, Blam! 1962



Roy Lichtenstein,
Happy tears



Andy Wahrol,
Marilyn, 1962



Andy Warhol, Ultima Ceia, 1986



Andy Warhol, Campbell's Soup, 1968



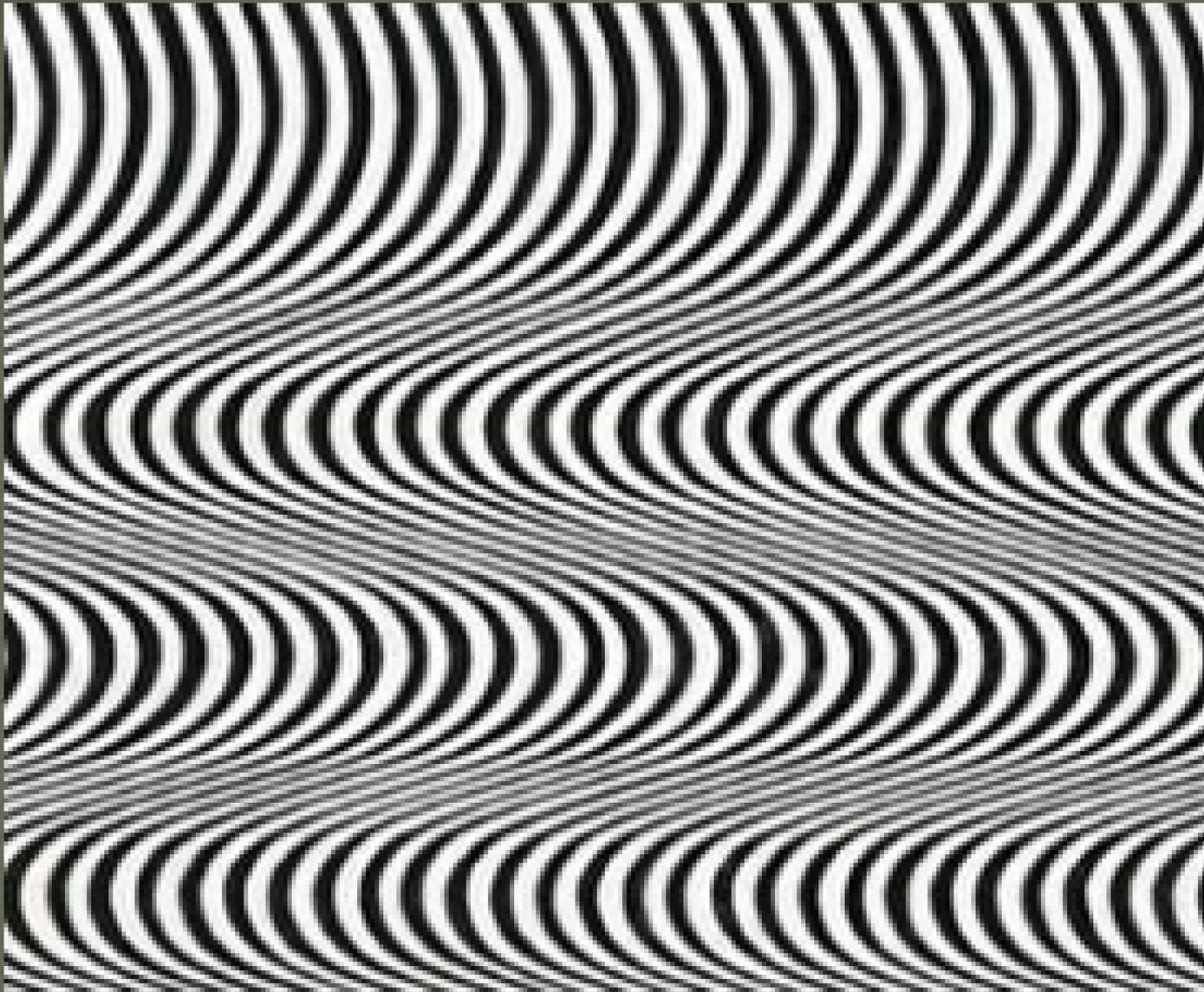
Andy Warhol, 1983



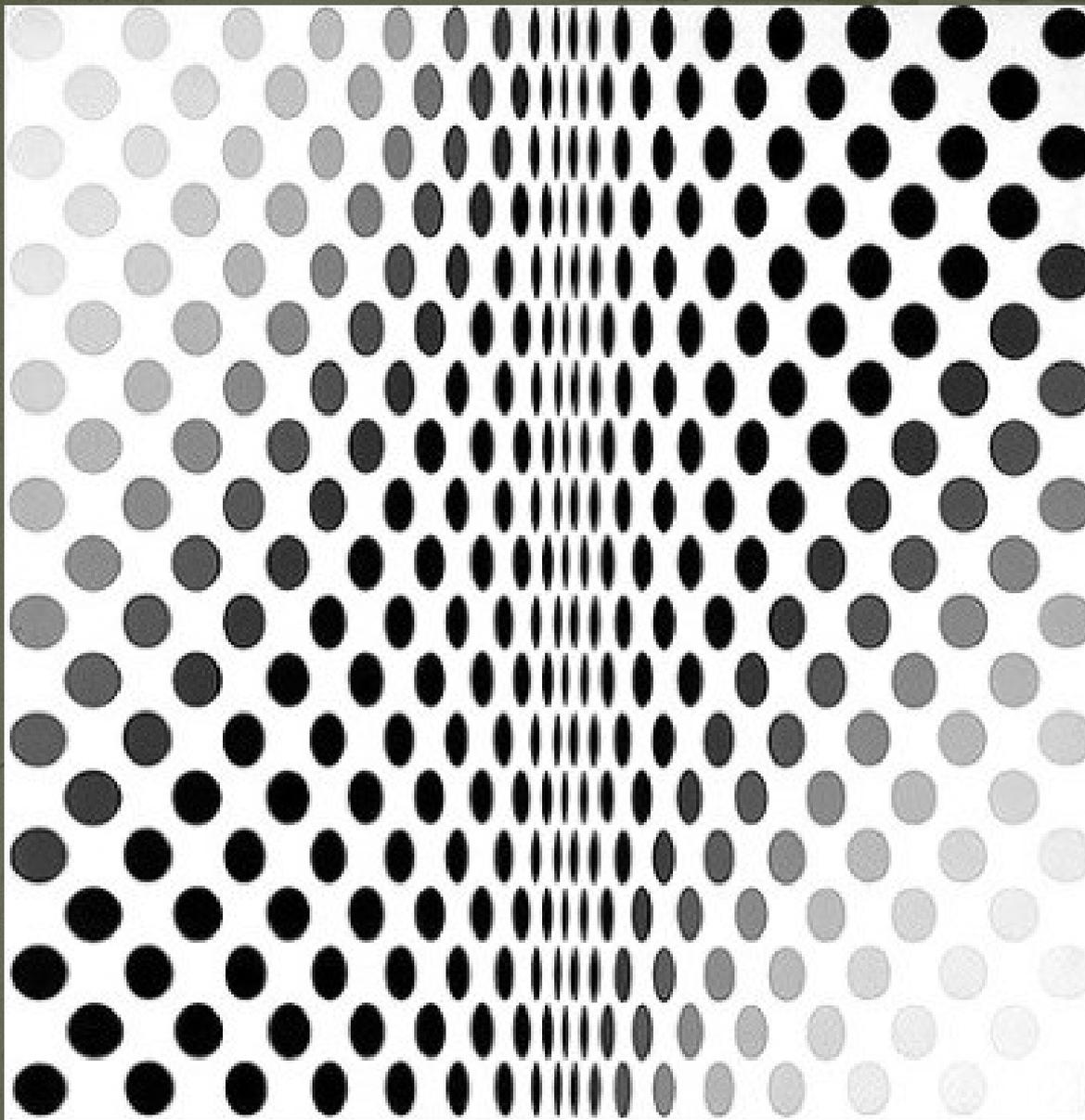
Andy Warhol, Banana, 1966

As relações da arte com a tecnologia começaram a surgir também a partir da década de cinquenta do século passado. A manifestação mais plástica foi a *Optical Art*, apelidada de *Op Art*. A Op Art operava por meio de uma linguagem pseudo-técnica na medida em que artistas desenvolviam habilidades que imitavam a feitura de uma máquina, tal era a capacidade técnica e manual demonstrada.

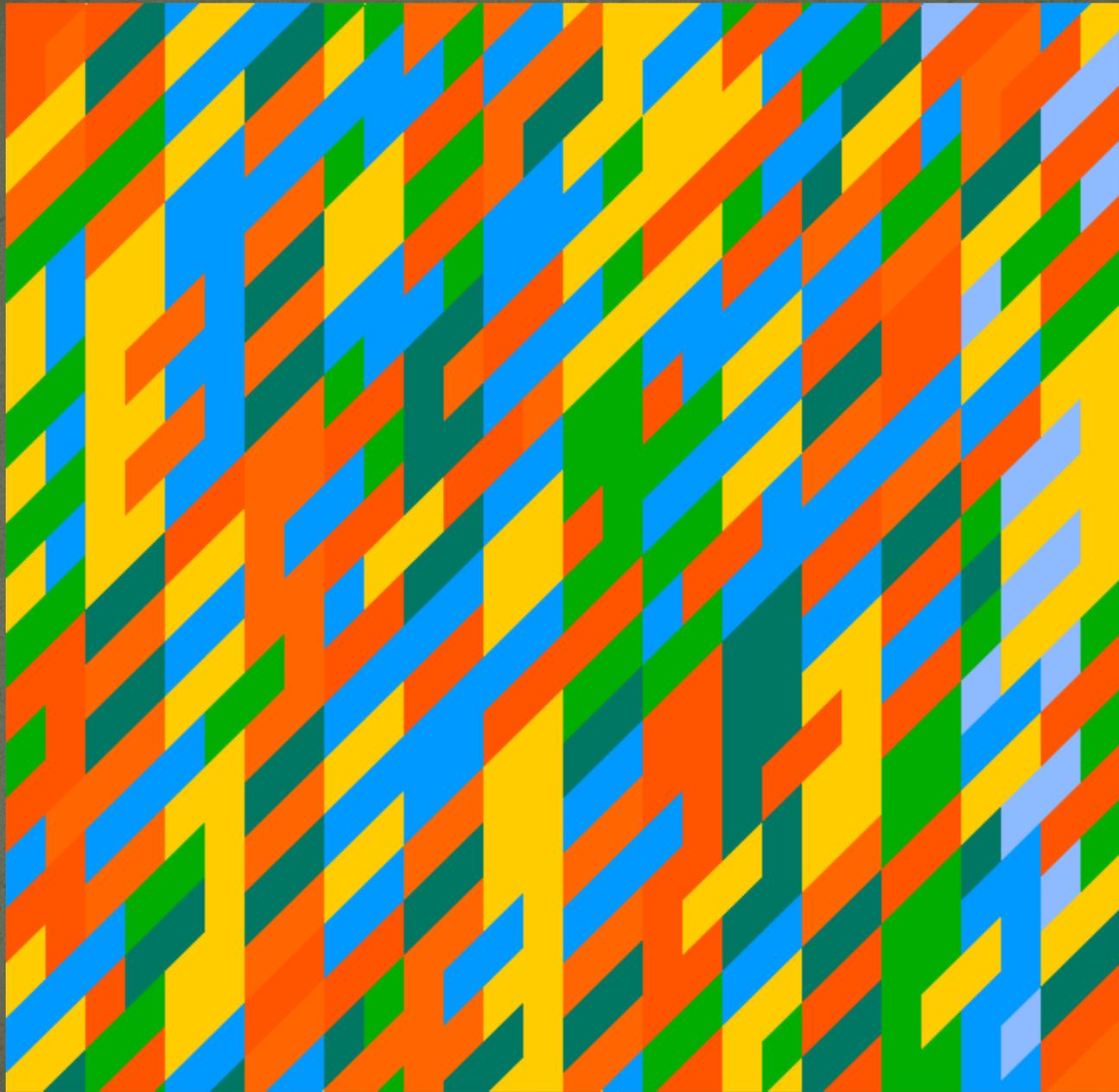
Artistas como Victor Vassarely, criam ilusões óticas por meio de performances semelhantes ao que fazem hoje nos computadores em meios digitais. Os principais nomes deste movimento são: Bridget Riley, Jesus de Soto, Richard Allen, Tony Delap, Josef Albers, Heinz Mack



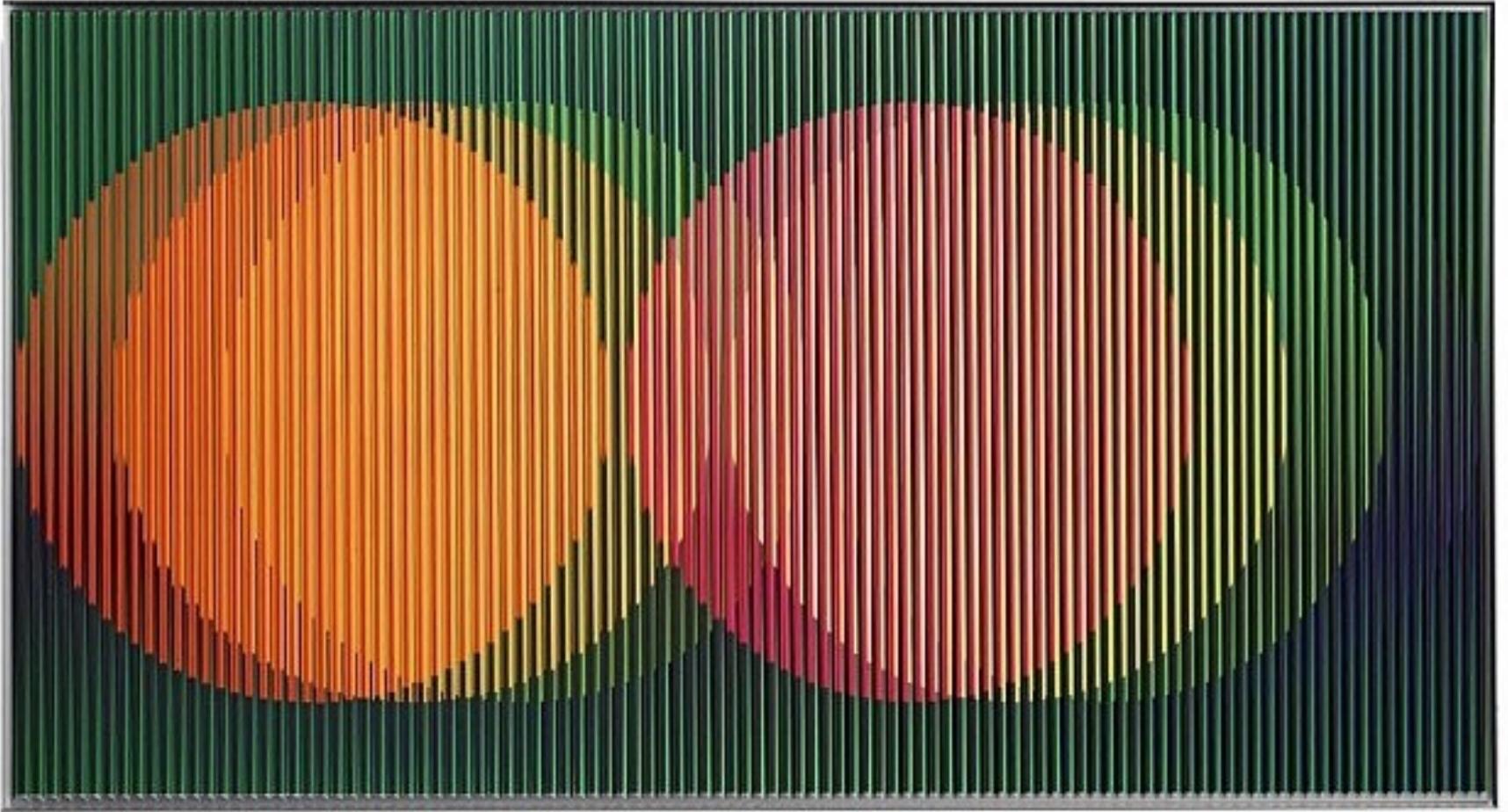
Bridget Riley, *Current*, 1964



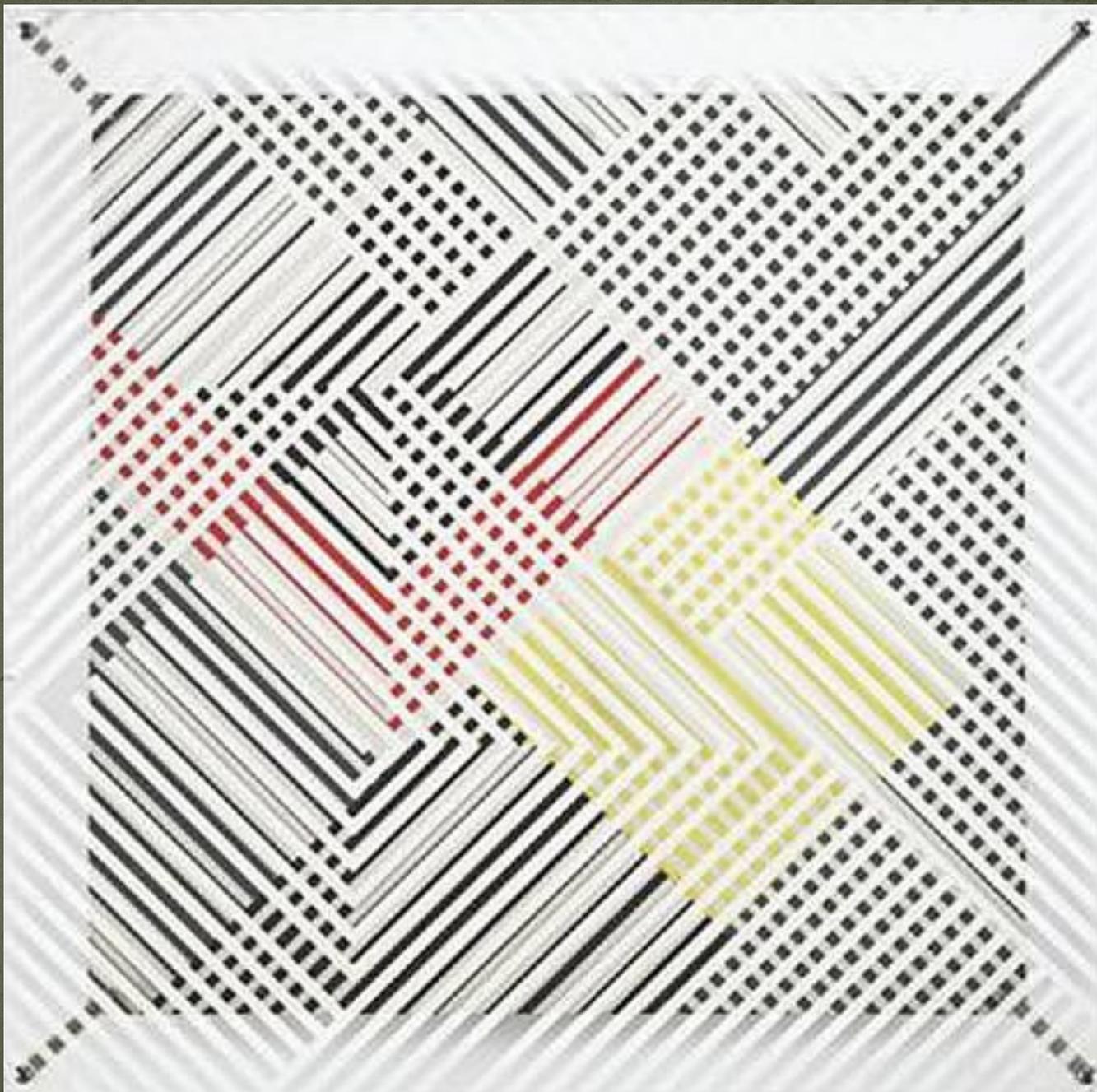
Bridget Riley, *Metamorphosis*, 1964



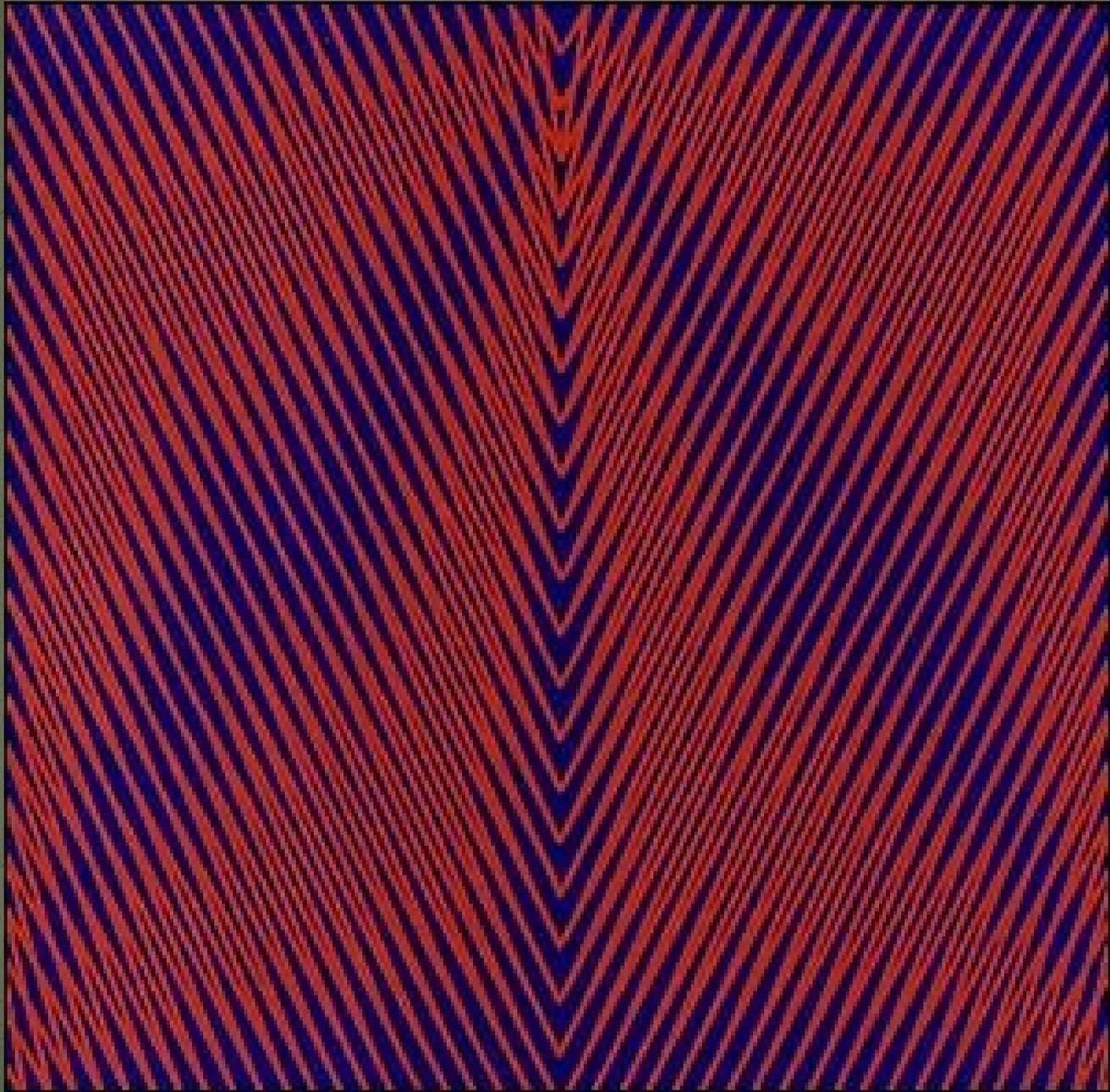
Bridget Riley,
Ease, 1967



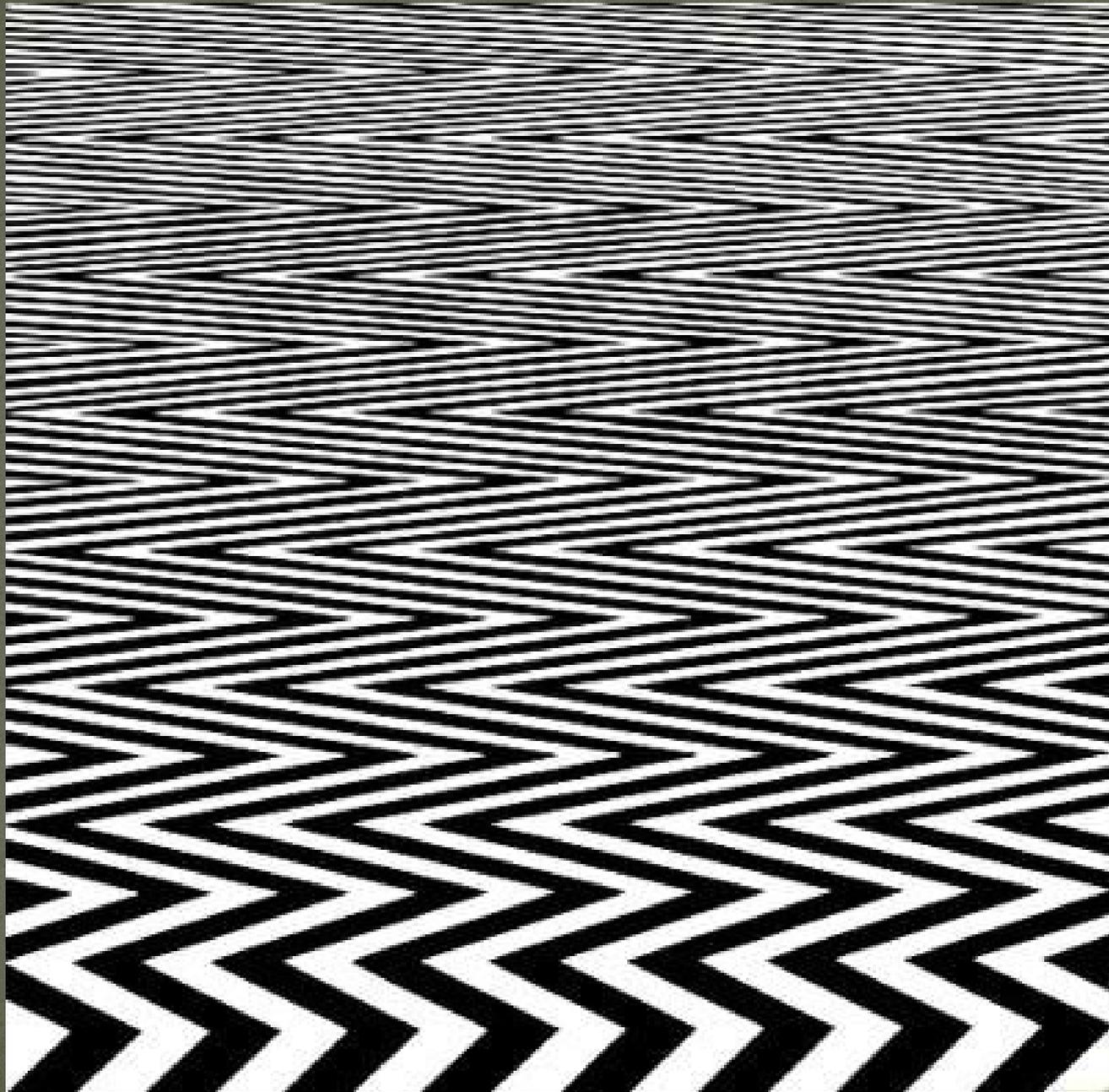
Jesus de Soto,



Jesus de Soto



Richard Allen,



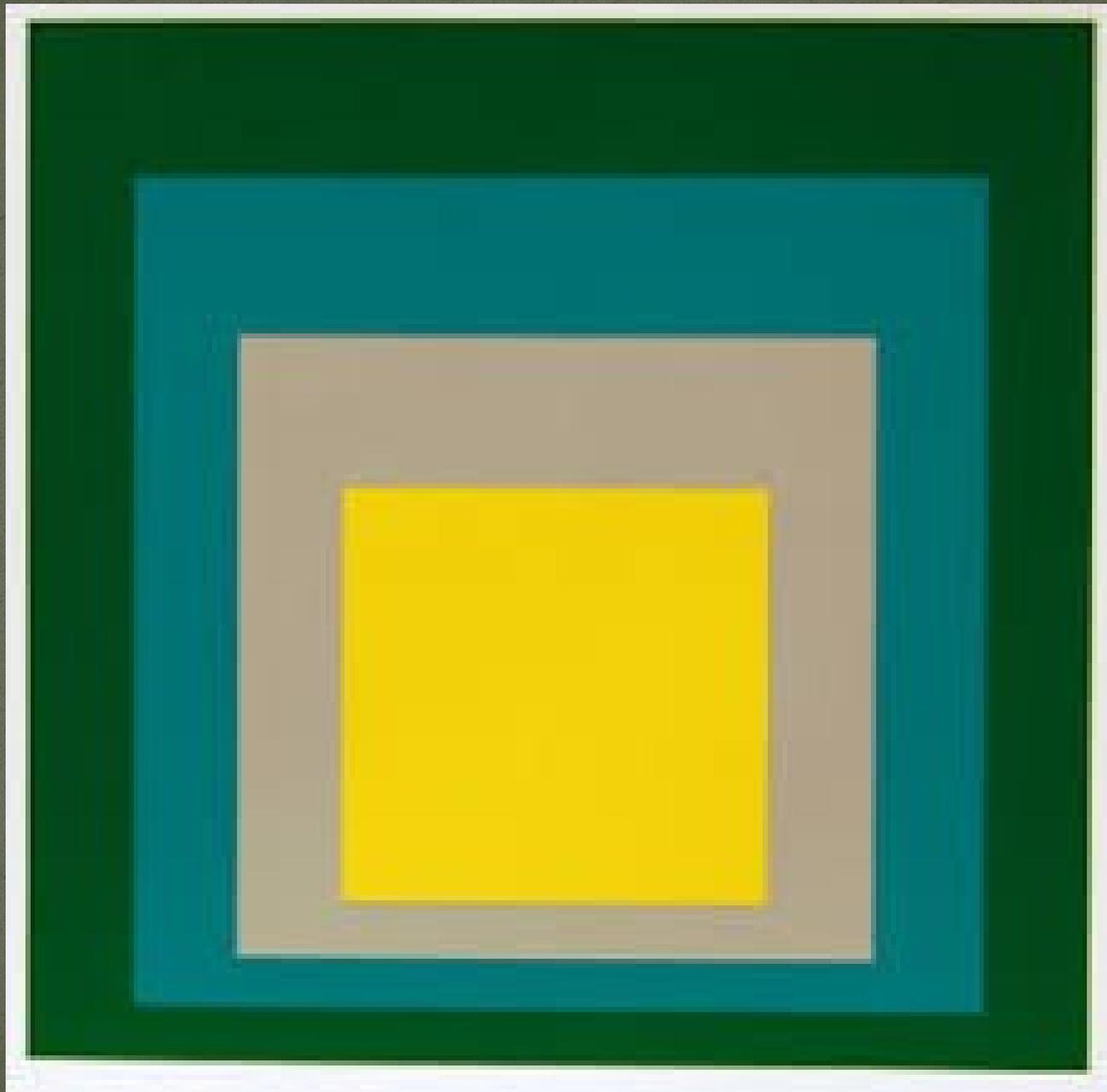
Richard
Allen, Koll, 1965



Tony De Lap,



Tony De Lap,
Green,



Josef Albers, 1967



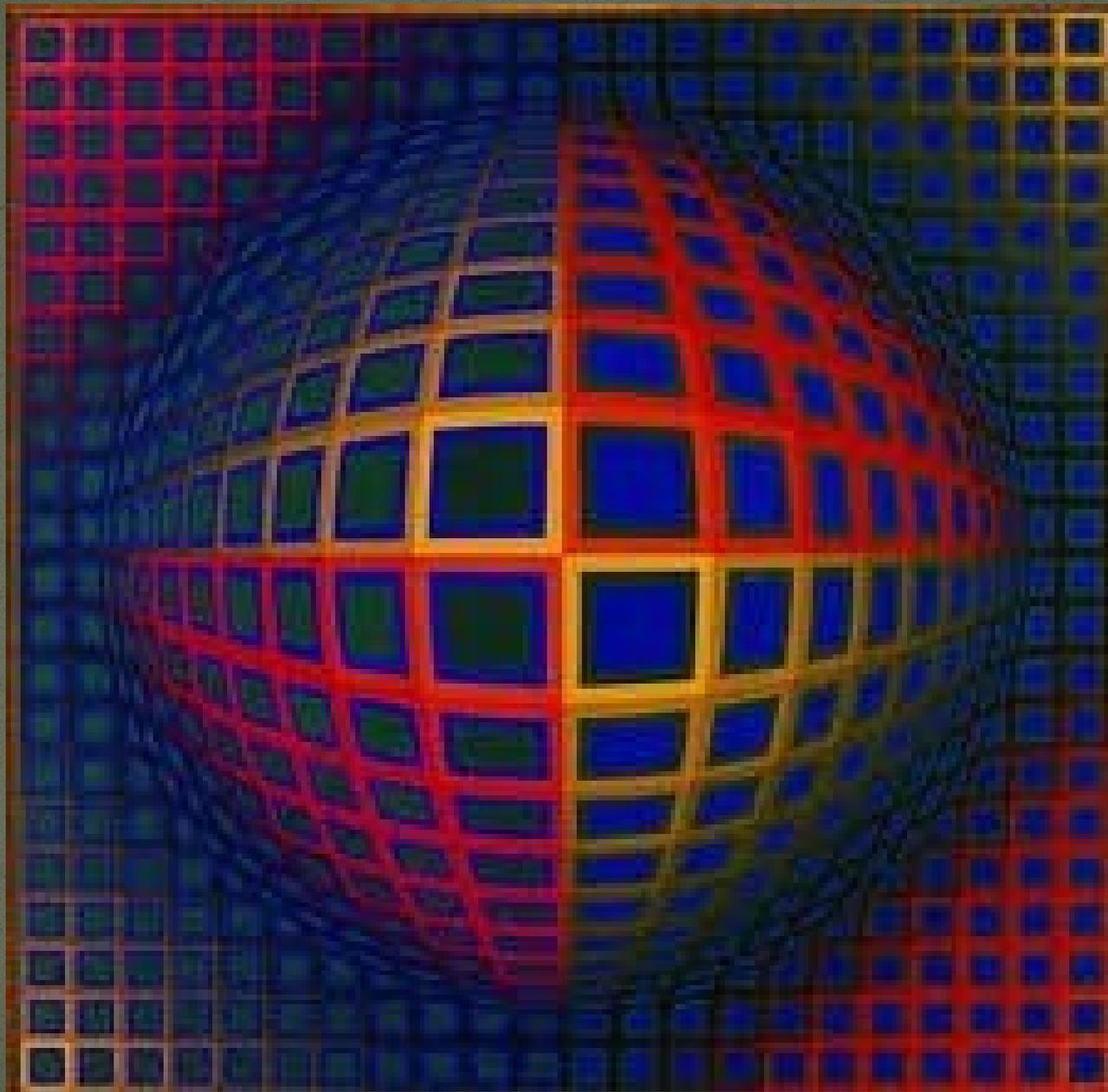
Josef Albers,



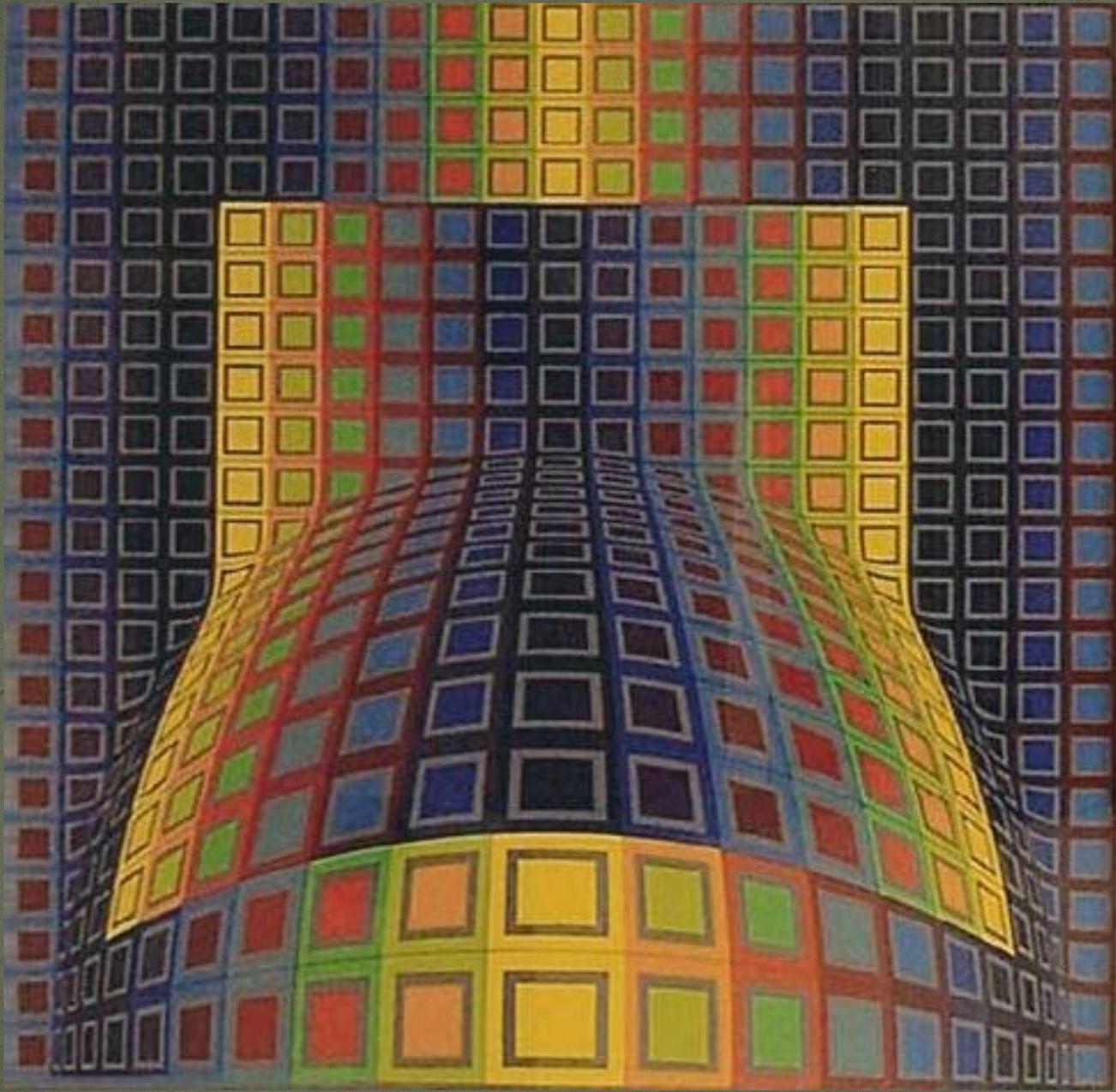
Heinz Mack, 1931



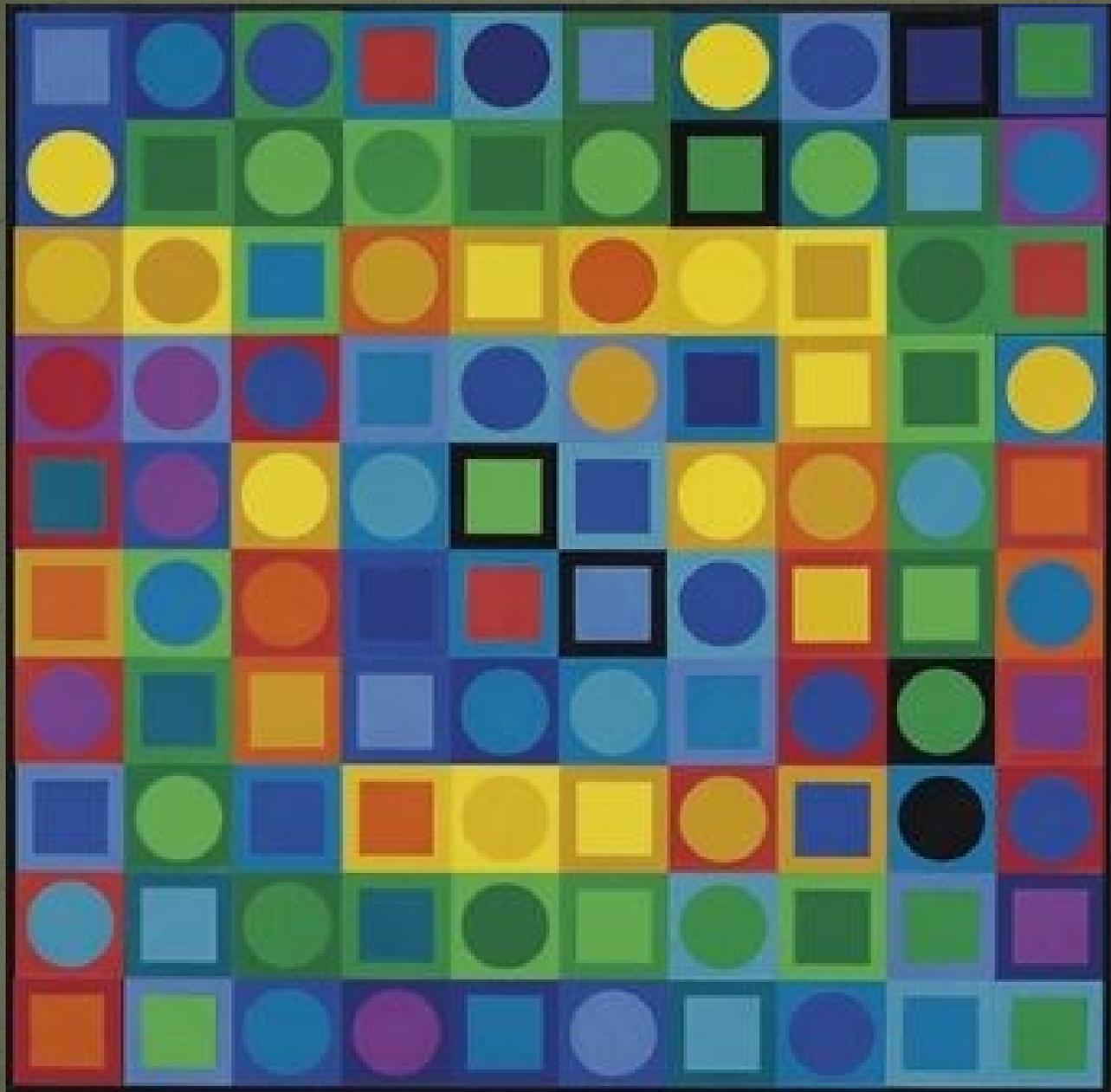
Heinz Mack,
1966



Victor Vasarely,



Victor Vasarely



Victor Vasarely



Victor Vasarely

Ainda neste contexto de introdução às tecnologias, podemos destacar a chamada *Arte Cibernética* na qual os artistas associavam equipamentos como luzes, motores e outros artifícios tomadas da mecânica, ótica, iluminação antecipando a eletrônica e as mídias digitais dos computadores.

Outras propostas menos objetuais e mais propositivas passaram a atuar no contexto da arte. Os *Happenings*, as *Performances* e mesmo a *Land Art* ou *Enviromental Art* e demais proposições interventivas ambientais, destituíram a corporeidade física das Obras de Arte instaurando tendências Não Objetuais, nas quais os objetos desaparecem e restam as ideias e as ocorrências.

Deve-se ressaltar que estas manifestações não operam necessariamente com a Pintura, mas sim com outras estratégias discursivas que não nos auxiliam a pensar o contexto pictórico como um todo.

Como vimos, o percurso da arte destituiu grande parte da Objetividade, ou a materialidade que a pintura tradicional manteve por muito tempo. Além disso, afastou completamente o Figurativismo e os temas tradicionais mas também abriu espaço para que a arte pudesse discutir nela mesma os seus propósitos, procedimentos e produtos, assim nasce o que chamamos de *Arte Conceitual*, uma estratégia que discute a arte na própria arte

A Arte Conceitual parte de proposições, projetos expressivos, programas de criação e outras abordagens que procuram ordenar o pensamento sobre a arte na própria arte. É, ao mesmo tempo, manifestação e avaliação; expressão e crítica; processo e produto.

Neste contexto as poéticas também variam, mudam de momento para momento de artista para artista e, nem sempre, o programa criativo de um artista privilegia a pintura. Às vezes surgem manifestações tridimensionais ou em mídias eletrônicas ou digitais. Na Arte Conceitual o suporte ou veículo varia tanto quanto variam os meios expressivos.

Os Happenings (acontecimentos), as Performances (desempenho/atuação) desconstituem os objetos e deslocam a arte do contexto da galeria, do museu para o ambiente, seja ele um local restrito de uma sala ou as ruas, espaços urbanos, públicos e naturais.

Tanto Happenings como Performances pode evocar a pintura e os modos e instrumentos de sua realização.

Os Happenings, como ocorrências estéticas, podem conter procedimentos semelhantes à pintura e se parecer com ela, embora o fim em si não seja necessariamente pictórico. As Performances seguem a mesma orientação.

Um dos artistas performáticos que operou por meio dos constructos pictóricos foi Jackson Pollock. Suas pinturas realizadas por meio do gotejamentos ou da aspersão de tinta sobre uma superfície, instaurou a *Action Painting* (pintura de ação) que é, no fundo, uma performance.

Neste caso, as pinturas performáticas de Pollock estabelecem uma relação de deslocamento da visão tradicional de pintura para uma visão inovadora que, nem sempre se assemelha ao projeto pictórico da pintura, mas se parece muito com ela.

A performance pictórica de Pollock está mais próxima da dança do que da pintura propriamente dita. Embora estas performances sejam realizadas em suportes planares eles podem assumir a identidade de uma pintura, logo, são considerados por definição uma pintura.



Jackson Pollock, Dancing...



Jackson Pollock, 1949



Jackson Pollock, N.1, 1948



Jackson Pollock, Blue Poles

Outro tipo de manifestação contemporânea é a Arte Ambiental ou Land Art. São instalações dispostas no meio ambiente, seja interno, urbano ou natural interferindo no contexto e alterando a percepção do mesmo.

Estas instalações podem recorrer à intervenções pictóricas ou não. As intervenções no ambiente natural ou mesmo os *Grafites Urbanos*, por exemplo, podem ser caracterizados por meio da pintura.



Karen Revie



Michael McGilles.



Graffiti Urbano



Esta é a última parte de

**Desenvolvimento de
Poéticas Pictóricas**

Deste Espaço Pedagógico